



EVIDÊNCIAS NO ACOMPANHAMENTO DA SÍNDROME PÓS-COVID-19: MAIS UM DESAFIADOR COMPROMISSO DA CIÊNCIA

Maria Aparecida Salci¹

Lígia Carreira²

Luiz Augusto Facchini³

Próximo a completar dois anos, a pandemia da COVID-19 afetou com veemência a vida cotidiana e os sistemas de saúde em todos os países. Os sistemas de saúde, econômico, educacional, cultural e social foram os mais afetados e receberam diretamente as consequências geradas no processo saúde-doença populacional diante da ameaça à vida, além dos impactos diretos à saúde daqueles que adoeceram, perderam suas vidas precocemente ou perderam familiares.

Apesar da COVID-19 ser uma doença de etiologia viral, caracterizada como aguda e transmissível, o período decorrido de pandemia evidenciou que uma fração significativa de pessoas apresenta consequências a longo prazo⁽¹⁻²⁾. Após a fase aguda, a presença de sintomas persistentes recebe a denominação de COVID longa ou Síndrome pós-COVID-19⁽¹⁻³⁾.

Evidências dos primeiros 546 integrantes da Coorte COVID-19 Paraná/UEM⁽⁴⁾, que acompanha pessoas adultas e idosas após a fase aguda da doença no estado do Paraná indicam a relevância do tema para os futuros estudos. Dentre os sinais e sintomas que persistiram por no mínimo 12 meses em adultos e idosos, independente de sua gravidade, os mais prevalentes foram perda da memória (29%), cansaço/fadiga (27%), falta de ar (19%), ansiedade (17%), depressão (15%), queda de cabelo (14%), alteração na visão (13%), formigamento ou dormência em alguma parte do corpo (12%), alteração no apetite (9%) e cefaléia (8%). A gravidade dos sintomas persistentes foi mais acentuada em membros da coorte com formas moderada e grave na fase aguda, em comparação aos casos leves⁽⁴⁾.

Entre membros da coorte com a forma mais grave da doença (tratamento em UTI), a persistência por no mínimo 12 meses de falta de ar e cansaço/fadiga foi referida, respectivamente, por 33% e 40%, dos adultos e 15% e 26%, dos idosos. As prevalências mais elevadas em adultos do que em idosos, podem indicar viés de sobrevivência de idosos mais saudáveis⁽⁴⁾.

Diante desse contexto complexo e das evidências científicas disponíveis, amplia-se o desafio da ciência em acompanhar pessoas que tiveram COVID-19, a fim de identificar a duração e a gravidade dos sintomas e orientar as ações sobre a temática, seja na organização dos serviços da rede de atenção à saúde e na implementação de políticas públicas exequíveis na prestação de cuidado e de reabilitação ao longo do tempo⁽¹⁻⁴⁾.

Agradecimentos

Os autores agradecem a parceria da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, Duke University, Universidade Federal de Pelotas. E, apoio e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: masalci@uem.br ORCID: 0000-0002-6386-1962

²Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: ligiacarreira.uem@gmail.com ORCID:0000-0003-3891-4222

³ Médico. Doutor em Medicina. Docente do Centro de Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: luizfacchini@gmail.com ORCID: 0000-0002-5746-5170

REFERÊNCIAS:

1. Maxi Augustin MD, Philipp SMD, Melanie S. et al. Post-COVID syndrome in non-hospitalized patients with COVID-19: a longitudinal prospective cohort study. *Lancet*. 2021; 6:100122.
2. World Health Organization. Expanding our understanding of post COVID-19 condition. 2021.
3. Salci MA, Facchini LA. Os desafios da síndrome pós-COVID-19 para a ciência. *Saúde Coletiva (Barueri)*. 2021; 11(65):5844.
4. Apresentação Coorte COVID-19 Paraná/UEM. Coorte COVID-19 Paraná/UEM, Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2020. Disponível em: <<https://sites.google.com/uem.br/coortecovid19pr/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2021.